

Falta confiança

Celso Ming

221

Embora o retorno ao Brasil dos técnicos do Fundo Monetário Internacional esteja sendo minimizado pelo governo, não há como deixar de vê-lo como um sério agravamento das relações dos credores internacionais com este governo. Tudo indica que as discussões que vão reiniciar-se em Brasília não vão girar em torno de meia dúzia de números que precisariam de um melhor contorno, mas do grau de confiabilidade dos credores nos atuais ministros da área econômica.

Os banqueiros internacionais e as autoridades dos organismos monetários internacionais, aparentemente, perderam toda confiança no atual governo brasileiro. Não acreditam no que dizem os ministros, não aceitam mais suas estimativas e não depositam confiança na própria condução da política econômica.

Basta levar em conta que a política salarial já mudou quatro vezes em pouco mais de um ano e, algumas vezes, em direção oposta à que pretendiam nossos credores. A relação entre correção monetária e cambial foi alterada quatro vezes em menos de seis meses. A estimativa de inflação para 1983 passou, sucessivamente, de 70% em outubro passado para 90% em dezembro, por ocasião da assinatura da primeira Carta de Intenção; pulou para 138,9%, nas últimas negociações com o Fundo há menos de duas semanas; e, agora, está sendo empurrada para 150 ou 160%, sob alegação de que o impacto inflacionário das enchentes de Santa Catarina estava totalmente fora de previsões. É óbvio que isso não pode causar boa impressão.

Os credores externos sabem também que o tal superávit na conta de comércio não está sendo conseguido por meio de uma forte expansão das exportações, mas, simplesmente, por brutal compressão das importações, principalmente de petróleo, a níveis quase insustentáveis. Nessas condições, esse superávit não pode mesmo ser considerado confiável.

Falta de confiança

E, inúmeras vezes, os negociadores brasi-

leiros ouviram dos banqueiros que a necessidade de novos recursos foi inexplicavelmente subestimada, o que passou a exigir crescentes reforços de dinheiro vivo. É claro que isso também demonstra falta de seriedade em assuntos de tamanha gravidade.

E há, também, uma informação importantíssima que o correspondente de O Estado de S. Paulo e o do Jornal da Tarde em Washington, Antônio Pimenta Neves, nos envia em sua matéria de hoje (veja nesta página). A informação é a de que organismos como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, dos quais o Brasil é sócio importante, já sacaram seus depósitos antes confiados ao Banco do Brasil. Isso pode significar que não há segurança na atual condução da política econômica brasileira, a ponto de ser necessário abrigar esses ativos financeiros em portos menos expostos a furações.

Em outras palavras, a baixa credibilidade que os ministros brasileiros passaram a desfrutar aqui dentro, principalmente depois de dezembro passado, começa a contagiar os credores internacionais. Estes não parecem nem um pouco interessados em apressar um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional, nas bases que ficaram estabelecidas no último estágio que seus técnicos fizeram em Brasília. Ao ritmo em que as coisas caminham, um novo acordo com o Fundo só seria possível em outubro ou, talvez, em novembro. Mas, até lá, parecem bem poucas as possibilidades de que a economia brasileira sobreviva sem uma moratória ou sem um profundo revertorio na condução de sua política econômica.

Enfim, a impressão que fica é a de que o próprio Fundo Monetário e os banqueiros estão encostando o governo brasileiro contra a parede e mesmo forçando a substituição dos ministros atuais por quem lhes inspire mais confiança. É esperar mais uns dias para confirmar ou não essa impressão. De mais a mais, agosto — um mês que costuma surpreender — está bem próximo.